angelus novus

Rafael Tahan*

*Rafael Tahan (1989) é poeta e crítico literário, editor da Oficina Irritada (revista eletrônica de literatura e cultura) e colaborador da Mallarmagens (revista eletrônica de poesia e arte contemporânea). Paulistano, graduou-se em letras pela USP, onde atualmente se especializa em estética e lírica contemporânea no mestrado. Publicou Diálogo (Scortecci, 2015) além de alguns poemas em antologias nacionais e periódicos literários. Além disso, teve alguns poemas traduzidos para a revista SACCADES (Califórnia, EUA), periódico internacional de literatura brasileira contemporânea.

Estamos presos numa sala de paredes totalmente opacas a não ser pelas gravuras que carregam. Elas lembram quadros exceto pela expressão das figuras que nos indagam: há algo de pretensamente insólito na fisionomia desses homens que não nos suscita a memória. A verdade é que fomos todos esquecidos.¹

Angelus Novus

estamos parados na plataforma quando um deus
- transgredindo as próprias leis -
pousa sobre subsolo
- a uma distância segura dos homens -
não saberíamos decerto se é um deus
senão pela vasta plumagem (em especial a ausência
[dos polegares])

em seguida, o acrobata paralisado de olhos resolutos
[– maxilar em repouso –
lança sobre a humanidade - apreensiva - uma voz
[esfíngica, que encobre,
inclusive, as outras vozes do além, indagando:
– podias tu, Édipo, tornar-te a ti mesmo, se, para
[tanto, precisavas ser, antes, o
teu outro? Alguns riem desconfiados
outros apenas olham –
[naturalmente – ao
redor:

neste instante as rodas do trem sobre
os trilhos –
[ferro sobre estanho –
anunciam a breve despedida: diante da multidão
[organizada a figura familiar
abre o guarda-chuva e segue, sobre a via, na direção
[da luz

Notas

¹ Excertos do livro inédito *memória de avarias* (no prelo).